

Em *Pax Iulia*, um templete à *Bona Dea*! At *Pax Iulia*, a little temple dedicated to *Bona Dea*!

José d'Encarnação^{a, @} e Carolina Grilo^b

^aCentro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património – Universidade de Coimbra

^bUNIARQ – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

@ Contacto: jde@fl.uc.pt

Resumo

Faz-se o estudo epigráfico e a integração histórica de uma inscrição fragmentada, datável do século I, que se revelou ser o primeiro testemunho do culto à divindade *Bona Dea*, na Hispânia romana. A dedicante é a liberta *Iulia Saturnina*.

Palavras-chave

Pax Iulia | cultos místéricos | *Bona Dea* | papel da mulher na sociedade romana

Abstract

Epigraphic study and historic integration of a fragmentary Roman inscription from *Pax Iulia*, in *Lusitania*. Is this the first epigraphic monument in *Hispânia* about the cult of *Bona Dea*.

Keywords

Pax Iulia | mysterious cults | *Bona Dea* | the Roman woman in the society

1. Circunstâncias do achamento da epígrafe

Em 2003-2004, no âmbito do programa BejaPolis, foi levado a cabo o projeto de requalificação urbana da Rua do Sembrano, com vista à construção de um museu de sítio no local, em pleno centro histórico da antiga *colonia* romana de *Pax Iulia* (Fig. 1).

Esta área arqueológica, escavada nas décadas de 80 e 90 do século passado por Susana Correia e José Carlos Oliveira e, nesta última fase, por Carolina Grilo, deu a conhecer uma sequência estratigráfica contínua desde a Idade do Ferro até à contemporaneidade.

Com particular expressão na época romana, destaca-se um complexo termal com diferentes fases e episódios construtivos, plenamente articulado no urbanismo da cidade antiga, delimitado por um eixo viário e por um conjunto de edifícios anexos, em funcionamento entre os finais do século I a. C. e os séculos IV/V d. C. (Grilo, 2015 e 2018).

De particular interesse resultou a identificação, durante a abertura de uma vala de recolocação do sistema de saneamento, de um fragmento epigrafado, em reutilização como tampa de um antigo coletor localizado entre a Rua do Sembrano e o Largo de São João (Fig. 2). A face epigrafada encontrava-se virada para baixo, parcialmente coberta por argamassas amareladas recentes, resultantes da reutilização, envolta num estrato sedimentar com materiais de época contemporânea, a cerca de 20 cm de profundidade do nível atual da rua (Fig. 3).

Dada a sua importância, o monumento – que ora está em exposição no Núcleo Museológico da Rua do Sembrano, pertença da Câmara Municipal de Beja – foi dado a conhecer e mui sumariamente apresentado (Encarnação, 2008: 223-224). Descreve-se agora esta peça com maior detalhe, como fora prometido, e procura salientar-se a sua relevância para o conhecimento sociocultural das gentes da *colonia* romana.

2. Descrição

Trata-se de um bloco rectangular de mármore cinzento, com 39 cm (altura), 47 cm (largura) (correspondente ao fragmento atual na largura máxima) e 29 cm (espessura máxima).

A face dianteira foi mui cuidadosamente alisada para receber a inscrição e a inferior encontra-se desbastada, nela se destacando um entalhe para o encaixe na parede. Conserva a molduração superior, ainda que levemente danificada, composta de faixa separada por ranhura de uma moldura do tipo gola directa; possui uma marca de desbaste circular posterior à execução da peça, eventualmente para colocação de um elemento metálico de fixação: diâmetro interno – 4 cm; diâmetro externo – 8 cm.

Não há sinal de moldura abaixo do texto; ou nunca existiu ou terá sido quebrada aquando da reutilização.

O campo epigráfico, rebaixado em relação à moldura, mede 28 cm de altura e tem 47 cm de largura máxima conservada.

Dadas as suas características tipológicas e atendendo também, como se verá, à paginação da epígrafe, somos de parecer que estamos perante um fragmento de lintel destinado a ser colocado sobre a porta de um edifício, muito possivelmente um pequeno templo. Solicitámos, por isso, ao Dr. José Luís Madeira que imaginasse graficamente o que poderia ter sido a construção em causa; a sua proposta, que penhoradamente agradecemos, é a Fig. 4.

Altura das letras: 1ª linha: 6,9 cm; 2ª linha: 5,5 cm.

3. A proposta de interpretação

Lê-se o seguinte (Fig. 5)

BON[A]
LIA L L SAT

Partindo-se do princípio de que estamos perante o lintel de um pequeno templo, justifica-se a inserção do letreiro segundo um eixo de simetria; doutra forma, não se compreenderia o largo espaço em branco deixado na l. 1. O único sinal de pontuação visível está na l. 2, um pequeno traço vertical.

Os caracteres foram mui cuidadosamente gravados, com goiva, como se deprende do corte redondo do B e do O, por exemplo, assim como do ténue travessão do A. Sente-se a presença prévia de linhas auxiliares, mormente na l. 2, de perfeita execução em altura; assim, há vestígios de serifas em LI e também no vértice inferior visível do último A.

Letras monumentais quadradas, em que parece ter havido até o minucioso cuidado de o sulco não ter sempre a mesma largura, a fim de dar relevo ao efeito de claro-escuro que facilita a leitura. De realçar a assimétrica graciosidade do B, a quase perfeita circularidade do O, o rigor das hastes verticais, a exacta simetria do A e do S, a rigorosa horizontalidade das barras do T e do A. Ou seja, atendendo a estes dados paleográficos, poder-se-á datar o monumento mesmo dos primórdios do século I da nossa era.

Na l. 1, não oferece dúvida a reconstituição do A. Afigura-se-nos, pois, plausível propor que haja aqui a dedicatória a uma Deusa Boa, *Bonae Deae*, expressão que ocuparia toda a 1ª linha, estando as palavras separadas por um ponto ou, mesmo, uma *hedera*, ainda que, na l. 2, como vimos, após LIA, onde se esperaria algo mais vistoso, a separação esteja assinalada por singelo traço vertical. A reconstituição gráfica atrás citada afigura-se-nos passível de confirmar a nossa opção não apenas de se apontar para edifício religioso, e não de mausoléu (onde, v. g., a palavra MEMORIAE seria de incluir), mas também a de não se propor um outro vocábulo a especificar a característica da divindade: FORTVNAE, por exemplo. Poderia ter havido também a palavra SACRVM, em sigla ou por extenso; é, contudo, mera hipótese, porquanto há testemunhos com ou sem essa palavra, que, em contexto arquitectónico (de templo), nos parece dispensável.

Na l. 2, reconstituir o *nomen Iulia* não nos ofereceu dúvida, por estarmos numa *colonia Iulia*, onde tal gentílico acaba por predominar. Quanto aos dois LL – em que a ausência de pontuação entre eles somente parece indicar que não haveria muito espaço depois – a hipótese de aí estar a referência ao estatuto de liberta de Lúcio parece-nos lógica. Já a opção pelo *cognomen Saturnina* (o T reconstitui-se sem dificuldade) é, naturalmente, aleatória, apenas sugerida por ser *cognomen* bastante comum no *conventus Pacensis* e mui facilmente admissível numa cidade onde o relacionamento com as províncias romanas do Norte de África está bem documentado. *Saturninus* constituiu, como se sabe, antropónimo de uso muito frequente na África romana: já no seu tempo, Iiro Kajanto referia que aí documentara 1163 testemunhos no conjunto dos 2507 registados no Império Romano e não hesitou em considerar este nome relacionado com a divindade *Saturnus*, nessas regiões identificado com Baal (1965: 54-55 e 213). E, a esse propósito, a referência ao primordial estudo de Marcel Le Glay sobre Saturno africano (1966) justifica-se cabalmente. Ultrapassa, aliás, as seis dezenas o número de *Iuliae Saturninae* reveladas na base de dados EDCS em relação à *Africa Pronconsularis* e à *Numidia*...

Pode, ou não, haver no final uma fórmula dedicatória. A opção por D(e) S(ua) P(ecunia) D(ono) D(edit) pareceu-nos conveniente, partindo do pressuposto que, desta forma, Saturnina agradecerá à divindade a possibilidade de ter sido libertada, usufruindo decerto de algum pecúlio acareado no decurso do seu período de escrava ou beneficiando, até, do apoio económico de quem a libertara e desta sorte, ainda que apenas mediante a sigla do seu *praenomen*, poderia ficar associado ao solene empreendimento. A reconstituição gizada pelo Dr. José Luís Madeira mostra que, na verdade, uma fórmula como a proposta pode ficar ali inserida sem dificuldade.

Seguindo, pois, o fio desta argumentação, a proposta de leitura interpretada seria como segue, retirando peso às dúvidas e propondo a fórmula dedicatória:

BONA[E DEAE] / [IV]LIA L(ucii) L(iberta) SAT[VRNINA?] [D(e) S(ua) P(ecunia) D(ono) D(edit)] [?]

À Boa Deusa. Júlia Saturnina, liberta de Lúcio, ofereceu a expensas suas.

Bona Dea é designação, como se sabe, aplicada a várias deusas do panteão romano, mas que, em sentido próprio, designa a deusa da fecundidade, esposa (ou filha) de Fauno (Vázquez Hoys, 2003: 117).

No âmbito da epigrafia da Península Ibérica, se procurarmos por *Bona Dea* na base de dados *HEpOL*, apenas esta se assinala; se por *Bonae*, encontramos o registo nº 14372, da inscrição achada em Astorga, segundo a qual o procurador imperial Públio Úlpio Máximo, assim como sua esposa e filho, homenageiam *Fortuna Bona Redux*. Como se vê, todavia, é muito outro o ambiente em que este monumento surge: muito mais oficial, de ostentação... Ainda que, sublinhe-se, a intenção seja, em nosso entender, a mesma: a de acção de graças.

E esta epígrafe, ainda que fragmentária, revela-se, por conseguinte, como mais um elemento a demonstrar o elevado nível cultural das gentes de *Pax Iulia*, uma população em que, como se assinalou (IRCP: 770), o número de libertos é considerável.

Justificar-se-ia, à primeira vista, embrenharmo-nos, de seguida, numa pesquisa orientada no sentido de se corroborar a reconstituição apresentada e, por outro lado, de se aduzirem outros testemunhos passíveis de trazer luz sobre o verdadeiro significado do monumento que nos prende a atenção. Temo-la, no entanto, por mero exercício académico, na medida em que, primeiro, só o achamento dos fragmentos em falta poderá caucionar, ou não, o que se alvitrou; depois, porque, em nossa opinião, as informações já retiradas são susceptíveis de comprovar os factos assentes no que concerne à população da *Pax Iulia*: a preponderância da *gens Iulia*, o seu prestígio sociocultural, o seu poder económico e, no geral, o papel relevante que aí desempenharam os libertos em todos os níveis de actividade. Poderemos, sim, perscrutar casos idênticos e esse exercício não queremos deixar de o fazer, aproveitando o ensejo para, em reflexões complementares, actualizarmos o que se sabe acerca do culto à *Bona Dea*.

4. Reflexões complementares

Diremos, em primeiro lugar, que a sumária publicação de 2008 foi acolhida em *HEp* 17, 2008, 212, donde passou para *HEpOL* No. 28719 e para EDCS-53300009.

Não foi, porém, incluída em AE 2008. Em todo o caso, aproveitando a consulta a esse número, referir-se-á: AE 2008 180, onde se cita a inscrição de Prezza, na península itálica, onde consta que, *pagi decreto*, os *magistri* superintenderam à execução de várias obras, entre as quais um *templum Bonae Deae*; AE 2008 490, em que se cita um artigo sobre as mulheres e a vida religiosa em Roma e se explicita que as dedicatórias e oferendas são feitas por mulheres de todas as condições sociais «*na sua maioria, às divindades protectoras do mundo feminino* (Bona Dea, Venus, Diana, Iuno Regina, Mater Matuta)».

Mantendo-nos nessa revista, há a referir que, no mais recente volume distribuído, o de 2017, se dá conta, sob o nº 933, do estudo de Cécile Carrier sobre o culto da *Bona Dea* em Nîmes e na Narbonense. Uma das duas estátuas da divindade achadas em Nîmes «*atestaria um dos mui raros testemunho duma prática privada desse culto fora de Itália*». Segundo Carrier, essas estátuas junto às seis ocorrências epigráficas na província «*mostram a existência dum culto público organizado*», provavelmente difundido a partir da colónia de Arles.

Mesmo em Roma a divindade ocuparia lugar importante, se tivermos em conta que em CIL VI 39 849, altar com uma áscia gravada achado junto à biblioteca das termas de Caracala, se lê o seguinte: SACRVM / DEANAE / SILVANO / BONA[E] DEAE, tendo cada um destes númenes o respectivo templo no Monte Aventino. Por isso, se identifica, por vezes, mediante meras siglas, como sucede numa inscrição de Pisa (EDCS 20402883); e pode ter epítetos: *Sancta*, em *Volsinii* (EDCS 9001303); *Augusta*, em Pagliano (EDCS 22200904).

Um culto que tem despertado o maior interesse entre os investigadores, atendendo às suas características ímpares, como pode ver-se nos livros de Brouwer e Mastrocinque citados na bibliografia.

Um dos textos clássicos sobre o tema, embora datado de 1973, continua a ser o de Mireille Cébeillac. Segundo a autora, *Octavia*, esposa de *Gamala*, poderá ter sido a introdutora desse culto em *Ostia*, logo nos primeiros anos do reinado de Augusto, um culto que classifica de «*tipicamente feminino*» e «*um dos mais misteriosos da antiguidade romana*», inclusive tendo em conta que «*a própria designação de Bona Dea mais não teria sido do que uma forma disfarçada de referir aquela cujo nome não deveria ser pronunciado*» (p. 530).

Mireille Cébeillac elabora a lista das inscrições então conhecidas (quadros apresentados nas p. 533-545): 39 de Roma, 56 da península itálica e 13 nas províncias (p. 531, nota 2), anotando a assaz limitada difusão do culto fora de Itália (p. 531, nota 3). Quanto à condição social das fiéis sublinha que são, na sua maioria, «*dotadas de recursos basto consideráveis para poderem oferecer à deusa presentes em espécie de mui grande valor*» (p. 547).

Este aspecto pode ser confirmado mediante a revisão a que Mika Kajava procedeu de uma conhecida inscrição achada em Segni, a antiga *Signia*, a sul do Lácio. «*Em síntese*», escreve Mika, «*we can summarize the contents of the donation by Aurunceia Acte as follows: "two tunics and a cape, both of thin (fine) and greenish blue stuff, and a lamp of bronze". We might suppose that these objects were brought into the sanctuary of Bona Dea where a statue of the goddess was preserved. The clothes may have been directly put on the statue which was either lying on a bed with cushions (this practice is documented in the cult of Bona Dea) or, perhaps, she was represented in a sitting position and the clothes were put on her knees in a somewhat similar manner as they were offered to a sitting cult statue of Athene*» (1987: 216).

Nesta inscrição de *Signia*, as ofertas são vestuário para a estátua e uma lucerna de bronze; mas, no rol preparado por Mireille Cébeillac, termos como *aedem* ou *aediculam* são frequentes, o que vem ao encontro do que propomos para a inscrição de *Pax Iulia*.

...

Voltando ao monumento epigráfico que nos ocupa e à nossa proposta de interpretação, diremos que sobre ele teceram considerações Mercedes Oria Segura (2016-2017) e José Carlos López-Gómez.

Nesse volume da revista *Anas* publicado em 2020, ainda que com data de 2016-2017, Mercedes Oria refere-se-lhe como testemunho da intervenção das mulheres na criação do espaço urbano na Lusitânia. Começa por comentar a situação económica de *Saturnina*:

«*Que esta disponía de medios económicos lo aventura la verosímil restitución del texto, lo cual no debe extrañarnos: las libertas constituyen un 12 % de las mujeres que costearon edificios públicos en el Occidente romano y un 10 % de quienes invirtieron en templos. Que estos medios no serían abundantes se deduce de la modestia de su obra. Aun así podemos considerarla una muestra de autonomía y afirmación como miembro de la comunidad, capaz de dejar huella en una ciudad donde escasean las referencias epigráficas a construcción pública y una de ellas, la dotación de murallas, es de iniciativa imperial*» (p. 276-277).

Talvez possa contestar-se a afirmação acerca da 'modéstia' da obra. Várias das inscrições, como atrás se disse, referem *aedicula*; por outro lado, tratando-se de uma iniciativa privada, a necessidade de um bom enquadramento urbanístico para, por exemplo, um templo requereria uma verba avultada, mais própria de investimento público. Um templo no fórum da *colonia* ou mesmo em zona central de um dos bairros urbanos seria, na verdade, bastante para mostrar um estatuto económico não despidendo. Recorde-se que, embora saibamos que se trata de uma inscrição que poderá estar alheada do seu local de origem, a possibilidade de encimar um espaço de culto enquanto elemento estruturador de uma comunidade ou de um bairro urbano também é muito tentadora, uma vez que urbanisticamente parece ser mesmo disso que se trata: um pequeno complexo termal e um conjunto de construções de provável cariz habitacional estruturados em função de um eixo viário, que funciona desde a época flávia, no âmbito das reformas urbanísticas da cidade, até aos séculos IV/V, ou seja, um ou dois quarteirões da cidade romana. As construções de época júlio-cláudia também podem associar-se a um espaço termal, embora de orientação e dimensão distintas.

Mercedes Oria encara depois a iniciativa de *Iulia Saturnina* de um ponto de vista social, atendendo a que, de facto, para as mulheres romanas, a «*única posibilidad de intervenir en la vida pública es la religión*» (p. 278); de resto, assinala, «*la elección por Iulia Saturnina de Bona Dea como titular de la dedicación encaja bien con su propio estatus, ya que se trata de una diosa intensamente vinculada al ámbito femenino, que en sus templos fuera de Roma (donde lo que mejor conocemos es su culto por parte de las damas aristocráticas) es atendida y recibe ofrendas, templos incluidos, por libertas y mujeres de condición modesta*». Além disso, prossegue Mercedes Oria Segura, relacionando o templo com o contexto arqueológico em que a epígrafe foi encontrada, se «*el impacto urbanístico de una edícula es limitado*», o certo é que, «*si lo entendemos como un “santuario vecinal”, sí que pudo tener cierta relevancia, dada la importancia de las actividades religiosas como vertebradoras de la vida de los vici urbanos en Roma, con esclavos y libertos como protagonistas principales. En el caso de Iulia Saturnina, convertirse en impulsora de un centro religioso para un barrio de la ciudad le concedería en ese círculo una notoriedad que, como mujer y liberta, le resultaría difícil alcanzar por otros medios*» (p. 279-280).

Este aspecto assume ainda maior relevo com a circunstância, atrás assinalada, de um certo clima de iniciação e de mistério ter envolvido este culto, o que levou José Carlos López-Gómez a debruçar-se sobre este monumento epigráfico, ao estudar a «*paisagem religiosa*» de *Pax Iulia* (2020). Agrada-nos que considere “verosímil” a nossa reconstituição, até porque, assinala, «*la posición central que ocupa en la primera línea del texto inhabilita la posibilidad de que se trate de un epíteto*»; e, numa cidade como *Pax Iulia*, em que se documenta a devoção a divindades ditas «orientais» – Cíbele, Mitra, Serápis, Ísis – inclusive com referência a cerimónias iniciáticas (IRCP 289 e 339), enquadra-se bem a existência do culto a *Bona Dea*, «*como diosa de la vida nupcial cuyos ritos, reservados exclusivamente a mujeres, tenían un carácter iniciático cercanos a los misterios dionisiacos, en los que las jóvenes se unirían simbólicamente al dios con el fin de prepararlas para la vida sexual en matrimonio y propiciar su fecundidad, a la vez que se buscaba el bienestar y la estabilidad de la comunidad [...]*».

Atendendo às características paleográficas, José Carlos López-Gómez data o monumento da segunda metade do século II. É sempre problemática, bem no sabemos, a datação de uma inscrição – mormente

como esta, com tão poucos caracteres – apenas com base na paleografia, sobretudo tratando-se de uma inscrição monumental. Todavia, 1) pelo que conhecemos da epigrafia de *conventus Pacensis*; 2) atendendo à simplicidade da moldura; 3) e, sobretudo, pelo uso da goiva e não do badame – goiva que, nesta área, em nosso entender, se privilegiou no dealbar do Império – a nossa opinião é de que estamos perante um monumento epigráfico datável dos primeiríssimos tempos da *colonia* de *Pax Iulia*. O contexto arqueológico não ajuda para a datação, porque a sequência cronológica vai, aí, desde a Idade do Ferro aos séculos III/IV; não ajuda, é certo, mas não contraria. E a possibilidade de o culto à *Bona Dea*, atendendo inclusive às suas características, aqui ter sido introduzido logo pelos primeiros colonos, não se nos afigura desprovida de fundamento.

Em suma: uma conclusão também de índole patrimonial importa reter: por mais insignificante que possa parecer, um fragmento epigráfico constitui sempre uma fonte histórica nada despicienda. As ilações que este agora nos proporcionou, a trazer mais luz sobre a vida nesta capital de *conventus* – cujas descobertas, como as de *Olisipo*, também não cessam de nos surpreender – são disso prova cabal.

5. Bibliografia

AE = *L'Année Épigraphique*. Paris: Presses Universitaires de France.

BROUWER, Hendrik H. J. (1989), *Bona Dea. The sources and a description of the cult*, Leyden: Brill.

CARRIER, Cécile (2017-2018) – *Bona Dea* à Nîmes. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier: Presses universitaires de la Méditerranée. 50-51, 467-477.

CÉBEILLAC Mireille (1973) – Octavie, épouse de Gamala, et la *Bona Dea*. *Mélanges de l'École Française de Rome. Antiquité*, 85/2, 517-553.

CIL II = *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Berlim: Academia das Ciências.

EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby, acessível em <http://www.manfredclauss.de/gb/>

ENCARNAÇÃO, José d' (2008) – IRCP – 25 anos depois. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR. 11/2, 215-230. <http://hdl.handle.net/10316/12234>

GRILO, Carolina (2015) – Um contexto alto-imperial da Rua do Sembrano, Beja. *Actas do VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste*, Aroche, 1471-1496.

GRILO, Carolina (2018) – A Rua do Sembrano, Beja. Crono-estratigrafia e dinâmica urbana em *Pax Iulia*. Comunicação apresentada ao X Encontro de Arqueologia do Sudoeste. Zafra. Em publicação.

HEp = *Hispania Epigraphica*, revista editada pela Universidade Complutense de Madrid. Indica-se, geralmente, o número, a data da publicação e o número da inscrição.

HEpOL = versão *on line* de *Hispania Epigraphica*, acessível em <http://eda-bea.es/>

IRCP = ENCARNAÇÃO, José d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. — *Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. 2ª edição (2013) – <http://hdl.handle.net/10316/578>.

KAJANTO, Iiro (1965) – *The Latin Cognomina*. Helsinki: Societas Scientiarum Fennica.

KAJAVA, Mika (1987) – A Dedication to *Bona Dea* Reconsidered (EE VIII 624). *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 70, 210-216.

LE GLAY, Marcel (1966) – *Saturne africain: histoire et monuments*. Roma: [Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome](#).

LÓPEZ-GÓMEZ, José Carlos (2020) – El paisaje religioso de *Pax Iulia* (Beja) durante el Alto Imperio romano. *Dialogues d'Histoire Ancienne*. Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté, 46/2, (no prelo).

MASTROCINQUE, Attilio (2014) – *Bona Dea and the Cults of Roman Women*, Stuttgart: Franz Steiner Verlag.

ORIA SEGURA, Mercedes (2016-2017) – Mujeres y creación de espacio urbano en Lusitania. *Anas*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano. 29-30, 275-280.

VÁZQUEZ HOYS, Ana María (2003) – *Arcana Magica* (Diccionario de símbolos y términos mágicos). Madrid: UNED Ediciones.

6. Anexos

Figura 1. Localização da intervenção arqueológica no contexto urbano de *Pax Iulia*.

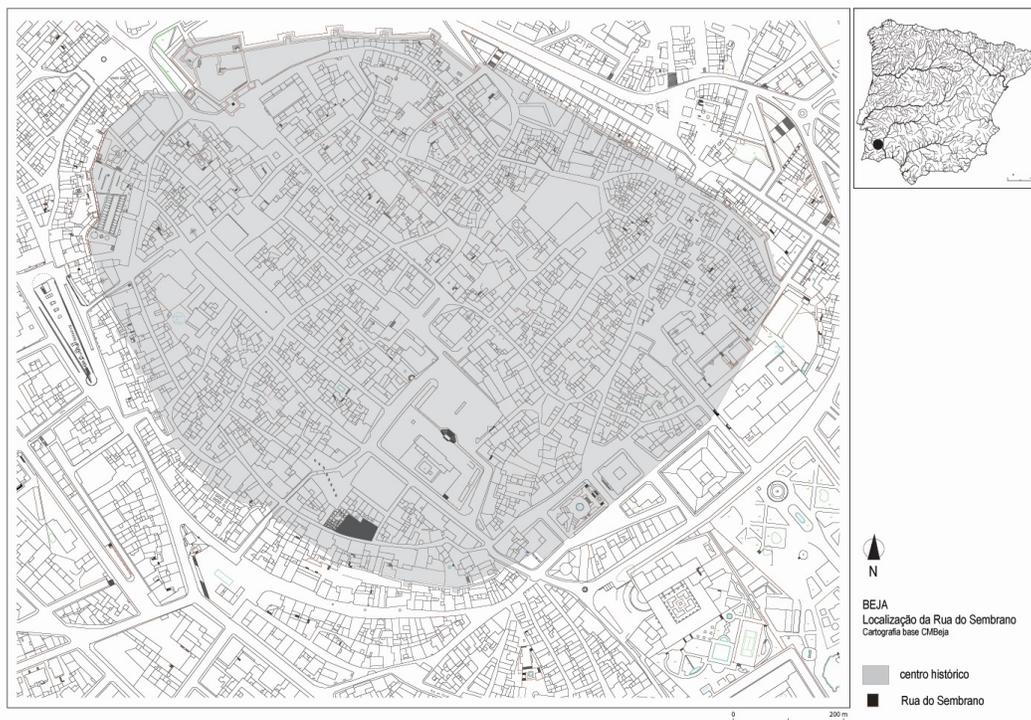


Figura 2. Local de achamento do fragmento epigrafado.

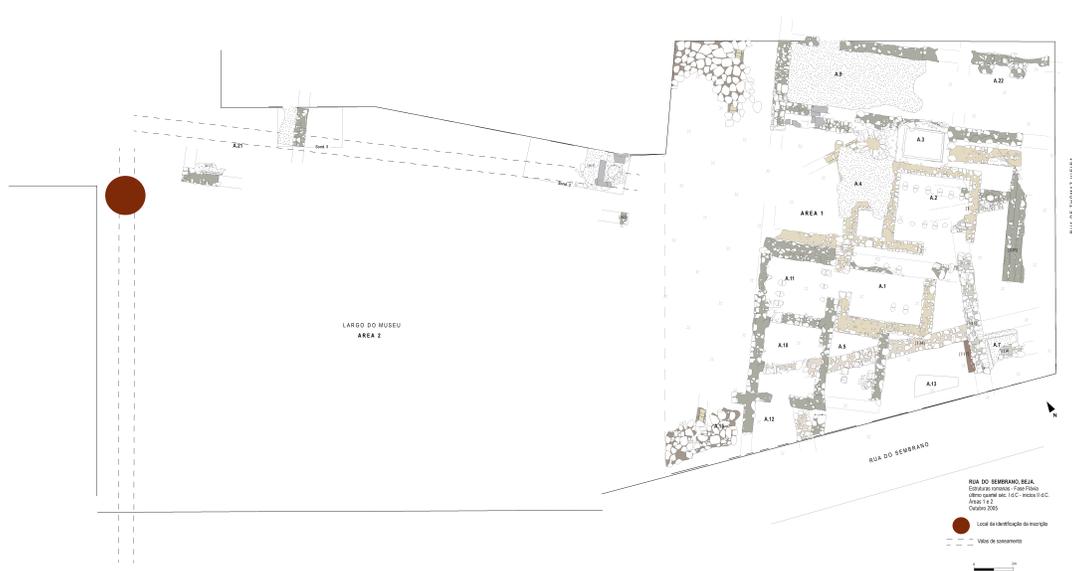


Figura 3. O achamento.



Figura 5. A epígrafe.

